

OS CONSELHEIROS DO CALIFA

Era uma vez um Califa...

("Califa" é o nome que a gente da Arábia dá a uma espécie de rei da sua terra).

Era pois um Califa, que tinha dois velhos conselheiros muito bons. Os conselheiros - repito - eram dois homens velhos, muito bons. Um dia, pensou o Califa em mandar que o povo pagasse mais tributos do que tinha pago até então. Ora, os conselheiros não gostaram dessa ideia, e pediram-lhe muito que não mandasse o povo pagar mais. A pobre gente (diziam os velhos) já lhe dava a ele muito dinheiro, e o melhor era diminuir o Califa as suas despesas, e não gastar tanto como estava gastando.

Mas o Califa não gostou que o contrariassem, zangou-se com os bons dos velhos, e despediu-os sem mais cerimónia: que se fossem de ali; já os não queria ver no seu palácio!

Tanto pior, pois não é verdade?

Que lhe haviam eles de fazer? Foram-se embora, muito tristes da teimosia do Califa, de quem eram amigos verdadeiros. Iam andando por uma estrada, a pensar no que iria suceder quando o povo soubesse daquele caso, e que havia agora de pagar mais... A estrada tinha árvores de um lado e do outro, e pouca gente passava ali.

Iam andando, pois, quando lhes apareceu a correr um homem gordo, baixo, de barrete cor de pinhão, que parecia arreliado, e lhes perguntou:

- Senhores, senhores! Ainda bem que os encontro! Teria passado por aqui o meu camelo, que me fugiu?

Um dos conselheiros respondeu-lhe:

-O seu camelo? Seria seu um camelo que passou por aqui, e que coxeava da mão esquerda?

-Isso, isso! - respondeu logo o homem gordo. - O meu camelo coxeia da mão esquerda. E é cego de um olho... Deve ser esse! Ora ainda bem que o senhor o viu! Ainda bem! E para onde foi ele, meu senhor? Para onde foi?

Nisto, o segundo conselheiro perguntou:

-Cego, o seu camelo? É cego então do olho direito?

O homenzinho repetiu logo:

- Isso, isso! Do olho direito! É o meu! Não haja dúvida de que é o meu! E para onde foi? Para onde foi?

- Não sabemos - responderam calmamente os conselheiros. - Passou por aqui, mas não o vimos.

Não o viram? - berrou logo o homem gordo. - Ah, não o viram? E como é que sabem, se o não viram, que o camelo é cego do olho direito, e que coxeia da mão esquerda? Como é que sabem que passou por aqui? Não querem dizer-me para onde foi o meu camelo? Já os entendo! Temo-la bonita! Não querem então dizer-me para onde foi o meu camelo? Vou fazer queixa ao Califa!

E logo correu para o palácio, esbaforido, sem querer ouvir coisa nenhuma, a amarrotar o barrete com as duas mãos.

«O meu camelo, ai, o meu camelo! Não me querem dizer para onde foi o meu camelo! Ajudaram a roubar o meu camelo!»

Berrando isto, corria como um doido pela estrada fora.

Um guarda do palácio, de aí a pouco, perguntava ao Califa se poderia entrar - pois queria falar-lhe - um homem de barrete cor de pinhão.

O Califa disse que sim, que deixasse entrar; recebeu o homem, ouviu-lhe a queixa, e mandou chamar os dois conselheiros.

Quando estes chegaram, o Califa ordenou, muito zangado:

- Não estejam a troçar com esse pobre homem. Digam, já, para onde foi o camelo que lhe fugiu.

Um dos conselheiros respondeu então, muito calmo:

- Meu senhor: nós não avistámos o camelo. Ao passarmos pela estrada, notámos pegadas de um camelo, o qual viera, ao que se via, em sentido contrário ao que nós seguíamos. Notámos também que das pegadas da frente, a da esquerda era tão fraca, tão leve, que mal se via. Concluimos que o camelo não podia assentar bem a mão esquerda, - que coxeava portanto da mão esquerda. Este homenzinho, quando nos falou, disse que o seu camelo era cego de um olho. Ora, só estavam comidas as folhas das árvores da nossa direita, quer dizer, da esquerda do camelo que passara na estrada, em sentido contrário ao nosso. O tal camelo, portanto, era cego do olho direito: comia do lado donde podia ver. Aí tem Vossa Alteza a verdade pura. Nós não avistámos o camelo do homem; mas concluimos que passara ali. Por isso lhe dissemos: passou por aqui mas não o vimos. Não é sempre indispensável ver as coisas, meu senhor: melhor é ainda pensá-las bem.

O Califa, ouvindo isto, admirou muito os dois conselheiros. Percebeu o mal que fizera em os despedir, não atendendo dois homens que tão sábios eram, tão inteligentes e tão bons. «Melhor é ainda pensá-las bem!» Grande sentença diziam os velhos! Sim: melhor é ainda pensá-las bem! Talvez ele, Califa, não tivesse pensado bem - quem sabe, não é verdade? - no mal que lhe poderia suceder, se teimasse em obrigar o povo a pagar mais!

Por isso, o Califa pediu desculpa aos dois conselheiros; desistiu de obrigar o povo a pagar mais; e mandou procurar o camelo coxo, cego de um olho, do homem do barrete cor de pinhão...

... Pois saibam isto: mais tarde, veio a dizer-se que desde muito, muitíssimo tempo, não houvera um Califa tão bom em toda a Arábia!

António Sérgio “Os Conselheiros do Califa”